



CORPO SEM ÓRGÃOS E DIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA OCIDENTAL E INDIANA¹

Ennya Sonia Neves Ripardo

Licencianda em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú
enny.ripardo@gmail.com

Resumo: Este trabalho investiga a possibilidade de um diálogo intercultural entre a filosofia ocidental e as filosofias indianas, tomando como base o artigo “Reflections of Indian Philosophy in Deleuze’s “Body Without Organs””, de Meenu Gupta. O objetivo é evidenciar a relevância do diálogo entre essas tradições filosóficas por meio das aproximações conceituais estabelecidas por Gupta entre o pensamento deleuziano e as noções de *moksha* e *nirvana*. Apesar de ambos os conceitos pertencerem a tradições distintas dentro do pensamento indiano, estes conceitos foram adotados pela autora porque caracterizam estados de libertação do sofrimento. Partimos, portanto, de uma leitura e análise hermenêutica do artigo de Gupta, relacionada a estudos da filosofia deleuziana, análise esta que nos permite observar que tanto o conceito de Corpo sem Órgãos (CsO) quanto as noções de *moksha* e *nirvana*, na interpretação apontada por Gupta, apontam para um processo de transformação contínua, no qual a libertação não constitui um objetivo final, mas um constante devir. Com isso, o objetivo deste artigo é evidenciar o diálogo intercultural como caminho para a ampliação dos horizontes da investigação filosófica, contribuindo para uma compreensão menos restrita ao cânone filosófico ocidental.

Palavras-chave: Corpo sem Órgãos; Devir; Filosofia Indiana; Moksha; Nirvana.

¹ Este trabalho é fruto de pesquisa desenvolvida no âmbito da iniciação científica, com financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). A pesquisa investiga o pensamento de Gilles Deleuze, com ênfase na experiência estética em sua filosofia, e o presente trabalho constitui um de seus desdobramentos, ao estabelecer um diálogo entre o conceito deleuziano de Corpo sem Órgãos e conceitos provenientes de tradições filosóficas indianas.

ABSTRACT: This paper investigates the possibility of intercultural dialogue between Western philosophy and Indian philosophy, drawing on Meenu Gupta's article "Reflections of Indian Philosophy in Deleuze's "Body Without Organs"" as its starting point. It aims to highlight the relevance of dialogue between these philosophical traditions through the conceptual connections Gupta establishes between Deleuzian thought and the notions of *moksha* and *nirvana*. Although both concepts belong to distinct traditions within Indian thought, the author draws on them because they characterize states of liberation from suffering. Accordingly, our analysis proceeds through a hermeneutic reading of Gupta's article, in conjunction with studies of Deleuzian philosophy, revealing that both the concept of the Body without Organs (BwO) and the notions of *moksha* and *nirvana* (as interpreted by Gupta) point to a process of continuous transformation, in which liberation is not a final goal but a constant becoming. Thus, this article aims to demonstrate intercultural dialogue as a pathway to broadening the horizons of philosophical inquiry, contributing to an understanding that is not confined to the Western philosophical canon.

Keywords: Body Without Organs; Becoming; Indian Philosophy; Moksha; Nirvana.

Introdução

Ao longo da história da filosofia, diferentes tradições desenvolveram respostas para questões fundamentais acerca da existência, da consciência e da constituição do sujeito. Entretanto, a construção historiográfica do cânone filosófico moderno frequentemente privilegiou as tradições ocidentais, relegando outros sistemas de pensamento a um espaço secundário. É nesse sentido que se torna relevante promover aproximações entre diferentes horizontes filosóficos, não com o intuito de reduzir suas especificidades, mas de evidenciar as

possibilidades de diálogos entre conceitos elaborados em contextos culturais diferentes.

O artigo "Reflections of Indian Philosophy in Deleuze's 'Body Without Organs'", de Meenu Gupta, estabelece aproximações entre o conceito de Corpo sem Órgãos (CsO), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e noções centrais do pensamento indiano, como *moksha/nirvana*.² A autora fundamenta essa aproximação em conceitos recorrentes especialmente naquilo que se denomina de Vedānta³, que compreende a libertação não como um estado que o *yogi*⁴ precisa alcançar, mas como um processo contínuo de transformação e dissolução das estruturas que sustentam a experiência do eu. Essa aproximação torna-se relevante principalmente

² Embora representados juntos por Gupta, os termos *moksha* e *nirvāṇa* pertencem a diferentes tradições do pensamento indiano e apresentam significados específicos em seus contextos. *Moksha* designa a libertação da condição de nascimento e morte (*samsāra*), sendo compreendida, na concepção upaniśádica apresentada por Radhakrishnan, como realização da liberdade, da perfeição e da unidade com a realidade suprema. (Cf. Radhakrishnan, 1996, p. 236–242). *Nirvāṇa* designa, na exposição de Radhakrishnan sobre o Budismo, o estado de libertação alcançado pela extinção das paixões e da ignorância, não sendo compreendido como simples aniquilação. Ele representa também a libertação do ciclo de morte e renascimento (*samsāra*) (Cf. Radhakrishnan, 1996, p. 446–450).

³ *Vedānta* é uma tradição filosófica estreitamente vinculada à religião da Índia. O termo significa literalmente "fim dos Vedas" e refere-se às doutrinas apresentadas nas *Upaniśads*, consideradas também a essência ou finalidade dos Vedas. A tradição é sistematizada no *Vedānta Sūtra*, ou *Brahma Sūtra*, de Bādarāyaṇa, que procura organizar as concepções filosófico-teológicas das *Upaniśads*, especialmente acerca de *Brahman* (realidade última), do mundo, do si mesmo (*ātman*) e da libertação (*Moksha*). Posteriormente, o *Vedānta Sūtra* recebeu diferentes interpretações, dando origem a distintas correntes da tradição vedântica. (Cf. Radhakrishnan, 1996, p. 430–431).

⁴ *Yogī* (sânscrito: *yogin*) designa o seguidor do *Yoga*, podendo referir-se a um praticante contemplativo, devoto ou asceta. *Yoga*, por sua vez, designa, entre outros sentidos, concentração do pensamento, contemplação, meditação e concentração mental, além de constituir o nome do sistema filosófico associado a Patañjali. (Cf. Monier-Williams, 1899. Verbetes: *yogin* e *yoga*).

porque evidencia um ponto de convergência entre diferentes tradições no questionamento de uma concepção fixa e substancial do sujeito.

Com isso em mente, o presente trabalho tem como objetivo analisar a interpretação desenvolvida por Gupta acerca do CsO, destacando o diálogo estabelecido por ela entre este conceito da filosofia deleuziana e determinadas tradições do pensamento indiano, a saber, *moksha* (conceito hindu de libertação) e *nirvana* (conceito budista de libertação). Ela utiliza ambos os conceitos porque, apesar de pertencerem a correntes filosóficas distintas na Índia, eles representam o estado final de libertação do sofrimento e necessitam do mesmo processo para serem alcançados. Adota-se, portanto, uma metodologia hermenêutica, baseada na análise do artigo de Gupta e nas obras *Mil platôs* e *O que é a filosofia?*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, buscando evidenciar a importância de um diálogo intercultural para a investigação filosófica contemporânea.

1. O Corpo sem Órgãos e a crítica à concepção fixa do sujeito

O conceito de Corpo sem Órgãos (CsO), desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, faz parte de uma crítica mais ampla à maneira tradicional de compreender o sujeito de acordo com a tradição racionalista, segundo a qual o indivíduo possui uma identidade fixa e imutável, constituída a priori. No entanto, este conceito não se inicia com Deleuze e Guattari, mas remonta ao poeta e dramaturgo Antonin Artaud, especialmente à sua peça radiofônica *"Pour en finir avec les jugements de Dieu"* (*Para acabar com os juízos de Deus*), de 1947. Para Artaud, o corpo humano estaria submetido a uma organização externa, isto é, a sistemas que determinavam suas possibilidades de existência. Embora esteja ausente da gravação fonográfica final da peça radiofônica de 1947, a formulação da noção de Corpo sem Órgãos está presente nos manuscritos e estados preparatórios da obra, nos quais o dramaturgo esboça a sua tese sobre o corpo: "O corpo é corpo. Ele está sozinho. E não precisa de

órgãos.” (Artaud, 1947). Nessa passagem, Artaud critica a ideia de que o corpo deve ser compreendido apenas como uma máquina, na qual cada órgão possui uma função, determinada por uma estrutura que impõe o que um corpo deve ou pode fazer. Isso não significa literalmente a eliminação dos órgãos, mas uma crítica à ordem que dita funções sobre o sujeito e o delimita, ordem que corresponderia ao “juízo de Deus”.

A partir dessa provocação, Deleuze e Guattari transformam o Corpo sem Órgãos de Artaud em um conceito filosófico. Em *Mil Platôs*, o CsO deixa de ser apenas uma crítica à organização corporal e se transforma em um campo de intensidades, um plano de experimentação no qual as formas estabelecidas de organização podem ser questionadas, transformadas e originar novas formas, forças e possibilidades, em constante processo de tornar-se, sem nunca assumir um estado definitivo; trata-se, pois, de um constante devir. Desse modo, o CsO compõe a crítica deleuziana às identidades fixas. Ao desfazer as organizações que limitam previamente suas possibilidades, o CsO permite pensar a existência como um processo de criação contínua, marcado por fluxos, intensidades e devires. “Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas.” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 6).

É justamente a partir dessa compreensão dos processos subjetivos e da experiência que podemos entender que, para Deleuze e Guattari, o “Eu” não é uma identidade fixa, substancial ou o centro da experiência, mas uma ilusão produzida, um efeito derivado de processos profundos de desejo e intensidades.

2 O Corpo sem Órgãos e a estrutura existencial da libertação: aproximações entre Deleuze e as noções de *moksha* e *nirvana*

A partir da compreensão do Corpo sem Órgãos como uma prática de experimentação da subjetividade e do corpo, Meenu Gupta estabelece

uma aproximação entre o pensamento deleuziano e determinadas concepções presentes no pensamento indiano. Nesse contexto, atentaremos principalmente ao conceito de *moksha* e *nirvana*. Entretanto, é importante destacar que a autora não busca afirmar uma igualdade entre os conceitos muito menos reduzi-los a uma interpretação que desconsidere as suas diferenças. Sua proposta consiste em evidenciar uma aproximação estrutural entre diferentes formas de pensar a transformação da existência, sobretudo no que diz respeito à crítica de uma concepção fixa e substancial do sujeito.

Como discutido anteriormente, a partir das considerações desenvolvidas sobre o CsO, Meenu Gupta identifica nas noções de *moksha* e *nirvana* um processo de transformação no qual a compreensão do “eu” deixa de estar fundamentada em uma identidade estável e isolada. Nesse sentido, a autora afirma:

Na filosofia indiana, também não se pode alcançar *moksha/nirvana* de maneira definitiva; está-se para sempre no processo de alcançá-lo. Por meio da compreensão do “si mesmo”, o pensamento deleuziano, assim como a filosofia indiana, nos torna conscientes de seu estado fluido, em contraste com a crença comum em sua estabilidade. Paradoxalmente, a desconstrução ocorre tão logo se compreende sua constituição, para então alcançar o Corpo sem Órgãos (CsO), que, segundo a filosofia indiana, confere sentido à nossa vida. A leitura de Deleuze tem sido uma experiência de revisitação da filosofia indiana. De fato, assim como a filosofia indiana, ele emprega o conceito de experiência e examina a noção de incorpóreo. Em contraste com o substancialismo ocidental, que se fundamenta nas coisas, essa celebração do pensamento como acontecimento constitui a base da filosofia indiana. (Gupta, 2018, p.14)

A passagem acima evidencia um ponto central da interpretação de Gupta: a libertação tanto nas tradições indianas quanto na filosofia deleuziana, não deve ser compreendida como um estado estático alcançado ao final de um percurso. Ao contrário, trata-se de um processo contínuo, de um constante devir. Dessa maneira, a autora aproxima o processo de experimentação do CsO da busca por *moksha* e *nirvana*, pois ambos envolvem uma transformação da relação estabelecida com o próprio “eu”.

Essa aproximação torna-se possível porque, para Gupta, tanto o pensamento deleuziano quanto determinadas tradições filosóficas indianas questionam a ideia de um eu fixo e imutável, como discutimos na primeira seção. No pensamento deleuziano, o sujeito não constitui uma essência originária, mas um efeito produzido por processos de individuação, forças e intensidades. De maneira semelhante, nas tradições indianas trabalhadas pela autora, a libertação envolve uma transformação de compreensão acerca do si mesmo, deslocando a identificação com formas limitadas da existência.

No entanto, é importante ressaltar que Gupta não afirma que Deleuze e as filosofias indianas sejam equivalentes. A aproximação proposta pela autora ocorre no nível da estrutura existencial desses conceitos. Enquanto *moksha* e *nirvana* pertencem a tradições que desenvolvem caminhos específicos de libertação do sofrimento e do ciclo da existência condicionada (*samsāra*), o CsO pertence a uma ontologia deleuziana baseada em multiplicidades, intensidades e devires. A semelhança identificada por Gupta encontra-se, portanto, na recusa de pensar a existência como algo fixo e fechado, propondo, em vez disso, uma experiência de transformação contínua.

Conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu compreender o Corpo sem Órgãos não como uma estrutura corporal desprovida de órgãos, mas como uma prática de experimentação e transformação da experiência. A partir de sua origem na obra de Antonin Artaud e de sua apropriação por Gilles Deleuze e Félix Guattari, o conceito assumiu um caráter crítico ante às formas de pensar a existência e a subjetividade como estruturas organizadas previamente, possibilitando pensar a existência para além de uma identidade plenamente constituída.

A partir dessa compreensão foi possível analisar as aproximações estabelecidas por Gupta entre o pensamento deleuziano e determinadas tradições filosóficas indianas. A autora não propõe uma equivalência entre o Corpo sem Órgãos e as noções de *moksha* e *nirvana*, mas identifica entre eles uma semelhança em sua estrutura existencial. Tanto o CsO quanto os caminhos de libertação abordados por Gupta envolvem um conjunto de práticas, nas quais o “eu” deixa de ser compreendido como algo já constituído, como algo que simplesmente é, e passa a ser compreendido como um processo, como algo que se faz e está em constante devir. A libertação, nesse sentido, não aparece simplesmente como a obtenção de um estado final, mas como um contínuo processo de transformação que se realiza por meio da experimentação.

Essa aproximação também permite compreender a importância da crítica à concepção de sujeito elaborada pela tradição racionalista. Deleuze não adere à noção de sujeito substancial; em vez disso afirma processos de individuação, multiplicidades, intensidades e devires, enquanto as tradições indianas, assim como foi interpretado por Gupta, desenvolvem, por diferentes caminhos, uma transformação da compreensão do “si mesmo” e das formas de identificação que sustentam a existência condicionada. Embora essas perspectivas partam de pressupostos distintos e não possam ser reduzidas umas às outras, a aproximação realizada por Gupta evidencia uma possibilidade de diálogo a partir de problemas filosóficos compartilhados.

Desse modo, as indicações do diálogo entre Deleuze e o pensamento indiano apresentadas neste trabalho não pretendem dissolver as diferenças entre as tradições analisadas, mas demonstrar que a investigação filosófica pode encontrar novas possibilidades interpretativas quando colocada em contato com diferentes horizontes de pensamento. A leitura de Gupta permite, portanto, revisitar o conceito deleuziano de Corpo sem Órgãos a partir de uma perspectiva intercultural, ao mesmo tempo em que possibilita observar conceitos do pensamento indiano através de uma problemática filosófica ocidental contemporânea.

Conclui-se que o diálogo intercultural não precisa partir da identificação de respostas uniformes para problemas filosóficos distintos. Ele pode ocorrer também pela relação entre estruturas de pensamento, problemas e movimentos conceituais que, embora desenvolvidos em contextos diferentes, apresentam pontos de aproximação. Nesse sentido, este diálogo intercultural pode ampliar os horizontes da investigação filosófica e contribuir para uma compreensão da filosofia indiana menos restrita às perspectivas ocidentais e eurocêntricas, a partir do modo deleuziano de fazer filosofia, amplamente conhecido pela criação conceitual resultante do encontro e da composição entre elementos heterogêneos:

Em segundo lugar, é próprio do conceito tornar os componentes inseparáveis nele: distintos, heterogêneos e todavia não separáveis, tal é o estatuto dos componentes, ou o que define a consistência do conceito, sua endoconsistência. [...] Mas este tem igualmente uma exoconsistência, com outros conceitos, quando sua criação implica a construção de uma ponte sobre o mesmo plano. As zonas e as pontes são as junturas do conceito. (Deleuze; Guatarri, 1992, p.27-28).

Assim, revisitar a filosofia indiana a partir de Deleuze não significa encontrar nela aquilo que já conhecemos, mas permitir que o encontro entre diferentes modos de pensar expanda os próprios limites pelos quais compreendemos a filosofia.

Referências

ARTAUD, A. Le corps sans organe. *In: Idixa*. Paris, 1947. Disponível em: <https://www.idixa.net/Pixa/pagixa-0507091105.html>.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3; Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. — Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Machado Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz — São Paulo: Editora 34, 2010.

GUPTA, M. Reflections of Indian Philosophy in Deleuze's Body without Organs. *Deleuze and Guattari Studies*, v. 12, n. 1, p. 1–15, 2018

MONIER-WILLIAMS, M. *A Sanskrit-English Dictionary: Etymologically and Philologically Arranged with Special Reference to Cognate Indo-European Languages*. Oxford: The Clarendon Press, 1899. Disponível em: <https://www.sanskrit-lexicon.uni-koeln.de/scans/MWScan/2020/web/webtc2/index.php> Acesso em: 13 de Ago. 2026

RADHAKRISHNAN, S. *Indian Philosophy*. Vol. I. New Delhi: Oxford University Press, 1996.

RADHAKRISHNAN, S. *Indian Philosophy*. Vol. II. New Delhi: Oxford University Press, 1996.